

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DE CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: O MUSICAL (I)
16 e 29 de junho de 2026

THE EMPEROR WALTZ / 1946

(A Valsa do Imperador)

um filme de **Billy Wilder**

Realização: Billy Wilder / **Argumento:** Charles Brackett e Billy Wilder / **Fotografia:** George Barnes / **Direcção Artística:** Hans Dreier e Franz Bachelin / **Direcção Musical:** Victor Young / **Canções:** "Get Yourself a Phonograph", música de Jimmy Von Heusen, letra de Johnny Burke; "The Kiss in Your Eyes", música de Richard Heuberger, letra de Johnny Burke; "I Kiss Your Hand, Madame", música de Joe Young, Sam L. Lewis e Ralph Erwin, letra de Fritz Rotter; "Friend Mountains", música de Jimmy Von Heusen e Johnny Burke, em adaptação de canções tradicionais suíças; "The Emperor Waltz", música e letra de Johnny Burke, em adaptação duma valsa de Johann Strauss / **Coreografia:** Billy Daniels / **Guarda-Roupa:** Edith Head / **Montagem:** Doone Harrison / **Consultor para a cor:** Natalie Kalmus / **Interpretação:** Bing Crosby (Virgil Smith), Joan Fontaine (Condessa Johanna Frankiska Von Stultzenber und Stultzenberg), Roland Culver (Barão Holenie), Richard Haydn (Imperador Francisco José), Lucille Watson (Princesa Bitotska), Sig Rumann (Dr. Zwiebock), Julia Dean (Arquiduchessa Stephanie), Bert Prival (motorista), Roberta Joney (a criada), Alma Macrorie (a dona da estalagem), etc.

Produção: Charles Brackett para a Paramount / **Distribuição:** Paramount / **Cópia:** Digital, technicolor, legendada eletronicamente em português, 106 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinema Eden, a 9 de Dezembro de 1949.

Há algumas canções na bela voz de Bing Crosby, duas delas ("I Kiss Your Hand, Madame" e "The Kiss in Your Eyes") com função "dramática" fundamental; há uma valsa de Strauss (adaptada por Johnny Burke, que escreveu letras e músicas para 23 filmes de Bing Crosby) que abre e fecha o filme e lhe dá o título; há a corte de Francisco José (cujos inúmeros títulos servem para a primeira piada, ainda na legenda inicial, com o etecetera, etecetera) meio privilegiado de todas as operetas. Chegará tudo isso para permitir a caracterização de **The Emperor Waltz** como um musical?

Podem pôr-se tantas dúvidas quantas para os filmes de Lubitsch, de quem o austríaco Billy Wilder foi o mais genial dos discípulos. Porque, antes do mais, **The Emperor Waltz** é uma espantosa e caustica sátira, com a suprema "maldade" do "Wilder touch", que, aliás, não gosta que se use tal substantivo a seu propósito. Será, mesmo, um dos filmes mais lubitschiano de Wilder, embora, como quase sempre, o autor de **Fedora** vá ainda mais longe. Gilles Colport, autor duma obra sobre Wilder, sustenta também esta tese, servindo-se dum trocadilho francês, introduzível em português: "é o filme de Wilder mais imediatamente lubitschiano, até porque se baseia numa 'lubie de chien'".

Efectivamente os cães (o rafeiro branco de Bing Crosby e a cadela preta de raça de Joan Fontaine) são tão importantes neste filme como os prestigiados humanos protagonistas. E a suprema astúcia de Wilder, neste filme, que Bazin dizia ser a mais prodigiosa finta ao Código Hays dos anais de Hollywood, é não só compará-los (e fazer seguir em paralelo "as histórias de amor" de ambos) como explicitar com o cão e com a cadela, o que as convenções o impediam de dizer acerca do caixeiro-viajante americano e da condessa austríaca (outra viúva alegre).

Toda a gente convirá que a palavra amor é um tanto ou quanto descabida, aplicada a um cão e a uma cadela. Há outras palavras mais cruas que se aplicam a propósito. Trata-se apenas de dizer que o atira Bing Crosby para os braços de Joan Fontaine e vice-versa, é a mesma coisa. Aparentemente, há muito amor e muito romantismo (a voz de Bing, a beleza de Joan). Mas no fundo o que os atrai é o mesmo fenómeno, que Bing Crosby quase chega a descrever na inenarrável sequência da estalagem. Um plano muito rápido e extremamente audacioso do cão encarrega-se de tornar ainda mais forte a metáfora. E nem se pode dizer que os animais sejam mais rápidos ou mais eficazes. Se Wilder elidiu o que se passou entre os cães, até termos (no final) uma prova que não deixa margem a dúvidas, idêntica elipse pode ter funcionado para Bing Crosby e Joan Fontaine, no "flash-back" da ilha. Pelo menos, a sugestão é evidentíssima. E só porque ainda não sabemos da história é que pode passar despercebido que logo, no fabuloso início, Joan Fontaine chama "porco" a Bing Crosby. Lá teria as suas razões, em elipse no filme.

Nesse terreno saborosíssimo, Wilder vai avançando com mestria suprema. A comparação começa por surgir (ainda Bing Crosby e o seu rafeiro só de longe viram Joan Fontaine e a sua cadela) na sequência da audiência do imperador. Pai e filha esperam uma proposta de casamento, mas o que o monarca tem para lhes sugerir é uma proposta de acasalamento. O orgulho do barão não é menor (depois dos trocadilhos que o fizeram, momentaneamente corar): "We became part of the Emperor animalty". Logo, na sequência seguinte percebemos que Joan Fontaine vai também fazer parte da "american animalty", por interposto cãozinho.

Se a cadela da Condessa morde o cão de Smith, este morde a dona em troca e a partir daí os dados estão lançados. E para que tudo se torne mais explícito, intervém a prodigiosa sequência com o veterinário-psicanalista ("o meu colega, Dr. Freud") que explica ao Barão e à Condessa a natureza dos complexos de que sofre a cadela e a maneira de os tratar.

Para grandes males, grandes remédios e Joan Fontaine e a cadela curam-se simultaneamente dos respectivos "bloqueios mentais" no quarto de Crosby. Tudo começa com um "Kiss in your hand", depois com um "Kiss in your eyes" e só acaba em "your lips" no que vemos. Onde de facto terminam podemos ter uma ideia no plano em que vemos os animais debaixo da cama, enquanto o "acasalamento" se contagia ao espaço exterior e se prolonga na dança dos criados. "It's pleasure making business with you" e Joan Fontaine vai-se embora de rabo tão a dar a dar, como o da cadela. E as dificuldades que todos têm em adormecer nessa noite são ainda mais "maldosas" do que tudo quanto foi já sugerido. Depois é a sucessão de "gags" que só vistos, desde a perseguição em carro ao som de Rossini, a Bing Crosby como gondoleiro cantando a "Santa Lucia" até à prodigiosa declaração de Joan Fontaine na ilha: "I was married with the handsomest man is Austria. He was 62. You're so different".

Não tenho espaço para ressaborear convosco todas as delícias deste filme, desde a caracterização inicial de Crosby pelas velhas ("In one word, he is an american") às probabilidades matemáticas finais. Mas chamo a atenção dos mais distraídos para o elemento adjuvante, o gramofone (o conteúdo da caixa) e para as suas várias finalidades e trocas. É um objecto que tem muito que se lhe diga e que não é nada inocente no desenrolar da história. E Wilder pã resistiu mesmo a juntar-lhe o cão, num pleno sublime, a que só falta a legenda "His Master's Voice". Ou nem falta, porque não há ninguém que não conheça a marca e que possa dissociá-la do efeito da voz de Crosby no filme, exactamente igual ao ladrar do seu cão (é uma questão de ouvidos e doutras coisas).

Espero que se divirtam tanto como eu com esta obra-prima, "how shocking, how divinely shocking".

JOÃO BÉNARD DA COSTA